

# VIDA DE NEGRO É DIFÍCIL É DIFÍCIL COMO O QUÊ?

Olga Maria Lima Pereira\*

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo demonstrar a análise/reflexão sobre o um diálogo entre os leitores e o verso “Vida de negro é difícil é difícil como quê” da música “Retirantes”, composta pelos artistas baianos Dorival Caymmi e Jorge Amado. A referida canção constitui-se trilha sonora original da Novela *Escrava Isaura*, exibida pela primeira vez pela Rede Globo em onze de outubro 1976 e é baseada no livro *A Escrava Isaura* do escritor Bernardo Guimarães. A reflexão sobre tal verso servirá para responder a alguns questionamentos levantados diante da árdua vivência do negro no período escravocrata no Brasil, transformando a expressão num constante refrão discursivo. O trabalho trará descrições sobre a trajetória do negro desde sua chegada ao Brasil nos fétidos navios negreiros, bem como relatos que irá justificar o quanto foi difícil para os negros sobreviverem longe de sua pátria. Por último, irá tecer comentários da historiografia sobre os negros no período pré e pós abolição, fazendo do verso “Vida de negro é difícil é difícil como quê” uma verdadeira reflexão sobre o papel do negro na sociedade brasileira que, apesar de tantos avanços tecnológicos, não conseguiu assegurar seus direitos como algo desvinculado da cor de sua pele.

**Palavras-chave:** negro, escravidão, vida difícil.

**Résumé:** Cet article vise à promouvoir un dialogue des lecteurs avec le verset “Vie de noir est difficile, trop difficile”, de la chanson « Retirantes », de Dorival Caymmi et Jorge Amado visant de donner des réponses à travers des récits historiques, dans un texte dynamique sur la vie ardu des esclaves noirs au Brésil, le transformant en une interaction constante avec les lecteurs. Le travail va parler du parcours des noirs depuis son arrivée au Brésil dans des fétides bateaux négriers, aussi bien sur des faits qui justifient de dire que survivre éloignés de leur patrie était difficile pour les noirs. Enfin, il va faire des commentaires historiographiques sur les noirs dans la période avant et après l’abolition, ce qui rendra le dit verset une vraie réflexion sur le rôle des noirs dans une société qui, ayant tant progressés technologiques, n’a pas assurée leurs droits en tant que désengagés de la couleur de leur peau.

**Mots-clés:** noirs, esclavage, vie difficile

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Técnico em Assuntos Educacionais. Departamento de Registros Acadêmicos do IFSul – Campus – Pelotas.

## INTRODUÇÃO

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e se podem aprender a odiar pode ser ensinadas a amar”* (Nelson Mandela).

Falar sobre a discriminação racial no Brasil e as sequelas da escravidão demandaria detalhes preciosos, cujas páginas desse artigo não se atreveriam descrever. A proposta deste trabalho é pontuar alguns episódios que serviram para fortalecer a imensa desumanidade imposta aos negros e, através desses pequenos relatos, provocar uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro do negro na sociedade brasileira.

### **1 A TRAJETÓRIA DO NEGRO E OS MAUS TRATOS RECEBIDOS NO BRASIL**

Escrever sobre a trajetória do negro no Brasil configura-se na busca de dados que venham a desmitificar a harmonia simplista daqueles que, ao se tornarem coniventes com a escravidão, desprezaram e humilharam a raça negra em todos os sentidos, sejam eles morais, físicos ou psicológicos. Por isso, acredita-se que é importante ter conhecimentos mais aprofundados sobre tema, a fim de que não se conceitue superficialmente os relatos que sempre relegaram ao negro um papel extremamente secundário e desprezível em nossa sociedade.

“Vida de negro é difícil é difícil como o quê.” Começa-se por identificar um dos primeiros episódios, que retratam em detalhes, o tratamento dado aos negros na trajetória entre a África e o Brasil: esse será o primeiro passo que ajudará a entender o porquê que a vida de negro é difícil é difícil como o quê:

Empilhados nos porões, recebendo poucas rações de comida e de água, era natural que o morticínio fosse acentuado. Perdia-se, invariavelmente, 10% da carga, na melhor das hipóteses, e casos houve em que morreu a metade dos indivíduos transportados. Amontoados no porão, quando o navio jogava, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro, para beber um pouco desse ar lúgubre que se escoava pela estilha gradeada de ferro (MACEDO apud MARTINS, 1974, p. 29).

Esse massacre humano se estendia num período de trinta a quarenta dias e sinalizava a continuidade de um sofrimento ainda por vir. Se a vida nesses fétidos navios já era insuportável, imagina-se a vida difícil que os esperava quando pisassem terra firme. Isso representa a realidade e o massacre de um povo que foi retirado de sua pátria para servir de mão-de-obra para a construção de um país que nunca iria valorizar sua contribuição, sua cultura e o seu percurso na busca por reconhecimento. Como bem sinalizado por Araújo: “Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história. Uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial” (ARAÚJO, 2007, p.5).

Urge que não se seja imparcial diante de relatos que a história oferece, os quais priorizam a escravidão como um mal necessário. Precisa-se ter um total discernimento para que se possa conduzir o presente trabalho para uma dimensão maior, na qual o negro, assim como os demais discriminados,

possa usufruir dos mesmos direitos presentes em uma constituição, cujos pressupostos ainda se encontram distantes e utópicos, ao se referir que todos os homens sejam iguais perante à lei.

## **2 UM POUCO SOBRE A HISTORIOGRAFIA DO NEGRO NO BRASIL**

O que se verificou no período escravocrata, de longe sinalizava um viver com dignidade, muito pelo contrário, os que sobreviveram a essas viagens sangrentas foram jogados aos trabalhos vigiados, às torturas e a infindáveis formas de humilhação e degradação humana. Souza descreve que “além de serem afastados das aldeias nas quais cresceram e que eram o centro de seu universo, muito poucas vezes conseguiam se manter próximas de conhecidos e familiares mesmo quando todos eram capturados juntos”(2008,p.84).

O relato acima demonstra um das mais cruéis formas que o homem branco inventou para tirar dos cativos a referência familiar, ou seja, o verdadeiro elo que os manteria mais fortes em busca de sua liberdade.

Mesmo diante de tantas privações, o negro seguia sua via-sacra. A passividade com a qual era visto encobria a luta silenciosa e solitária nas grandes senzalas. Porém, é de conhecimento de todos que se propuseram a narrar a escravidão, que os negros nunca demonstraram serem passivos diante de tantas humilhações sofridas; muitos, inclusive, utilizavam o suicídio como forma de protesto e resistência. Eles mostravam, assim, que a vida lhes pertencia e tiravam de seus donos esse privilégio (VALENTE, 1987,p.15). Por isso, a necessidade de uma retrospectiva histórica, a qual possa fornecer respostas que venham a desmascarar alguns discursos que afirmam a não existência de racismo no Brasil e que a história talvez não tenha sido tão cruel com os negros cativos. Sendo assim, a reflexão de autores que se preocuparam com essa temática pode trazer contribuições importantes para pensar o modo como esses negros eram tratados no Brasil:

“A comida era jogada ao chão. Semi-nus, os escravos dela se apoderavam num salto de gato, comida misturada com areia, engolindo tudo sem mastigar porque não havia tempo a esperar diante dos mais espertos e mais vorazes” (VIDAL, 1940, p.37). Não se pode abster-se de relatos como esse, nem tampouco, fingir que essas ações não foram praticadas neste país. Deve-se procurar explicações que, com certeza, não irão olvidar a indignação humana, mas que poderá nos trazer alento diante de conceitos e pré-conceitos que hoje estão em debate através dos movimentos negros espalhados por todos estados do Brasil. Cabe aos pesquisadores trazer à tona esses pensamentos que serviram para legalizar o escravismo e, a partir de novas análises discursivas, mudarem a visão de uma justiça tão injusta. Não se pode ser complacente diante de uma democracia que justificava a escravidão, uma vez que, ao priorizar o ócio e a produção intelectual de alguns homens, fortalecia a filosofia da escravidão. Esse pensamento distorcido, no qual se privilegiava o intelectual e desprezava o trabalho braçal, legalizava, nas palavras de Aristóteles, as raízes da ilegalidade escravista:

A natureza, por assim dizer, imprimiu a liberdade e a servidão até nos hábitos corporais. Vemos os corpos robustos talhados especialmente para carregar fardos e outros usos igualmente necessários; outros, pelo contrário, mais disciplinados, mas também mais esguios e incapazes de tais trabalhos, são bons para a vida política, isto é, para os exercícios da paz e da guerra (GLOTZ, 1988, p.212).

Essa interpretação da sutileza de uma justiça ausente foi a responsável pela legitimação de atos que, ao priorizar o trabalho intelectual, tanto na Grécia, Roma e no Brasil, criaram formas errôneas de um trabalho escravo e desumano.

É preciso que se note, neste passo, que as manifestações de preconceito e discriminação raciais [...] são expressões puras e simples de mecanismos que mantiveram, literalmente, o passado no presente, preservando a desigualdade racial ao estilo da que imperava no regime de castas (FERNANDES, 2007, p.122).

A sociedade romana, como a grega, é exemplo de sociedade escravista, embora difira desta em alguns aspectos fundamentais. O processo de concentração de terras pela aristocracia patricia jamais foi bloqueado e o poder e a influência daquela camada social permaneceram praticamente inalterados até o fim. O elemento central da grande estabilidade desfrutada por Roma foi a instituição do latifúndio escravista, que, estabelecido ali numa escala desconhecida pelos gregos, proporcionou aos patrícios o controle sobre os rumos da sociedade (Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/roma.htm>> Acesso em: 10/08/2011).

Florestan Fernandes leva a outro questionamento que foi levantado por Barreto (1993):

Admirava-se que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia, contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades”. O autor vai mais além, afirmando: “Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável (BARRETO, 1993, p.61).

A resistência negra diante de tantas atrocidades talvez fosse fruto de uma crença religiosa que os homens brancos desconheciam ou quem sabe, temiam. O fato é que os negros cultuavam seus deuses, através de oferendas, cantos, danças. Assim, por mais que fossem perseguidos pela sua fé então diferenciada, mesmo na clandestinidade, cultuavam sua religião.

Muitos desses negros foram perseguidos e massacrados, porque os grandes senhores imaginavam que suas mandingas trariam maldições a suas propriedades e familiares. Dessa forma, os negros começaram a percorrer o mundo, criando irmandades religiosas onde se agregavam e se fortaleciam contra os problemas diários e as dores de cada dia<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://consciencianegra.arteblog.com.br/230866/Religiao-e-cultura-Negra/>>. Acesso em: 20/08/2011.

### 3 CONCLUSÃO

Vida de negro é difícil é difícil como o quê?

Como se pode verificar, o negro cativo seguiu seu rumo, independente das dores, da saudade dos familiares, das perseguições, dos maus-tratos e de todo tipo de injustiça sofrida. Uma nova realidade estava posta, e a liberdade passou a representar uma incerteza legalizada com ares de dignidade racial. A consciência dessa árdua trajetória em busca de seu reconhecimento como cidadão foi a responsável por tornar o cativo um homem forte e gigante, ainda que acorrentado nos troncos da insensatez.

Diante de alguns relatos entre tantos que poderiam ser citados para descrever o período pré e pós-abolicionista, acreditamos que o pouco que foi dito nesse trabalho seja suficiente para responder, com propriedade o verso dos compositores da música “Os Retirantes”: Vida de negro é difícil é difícil como o quê. Vida de negro continua difícil, mas assim como no passado, os negros de hoje, com todas as dificuldades de aceitação e inserção social, como também, o seu ingresso e permanência nos bancos escolares, tem provado que, através dos movimentos negros e de lutas coletivas ou isoladas, suas vozes são impossíveis de se calar. Mesmo com os entraves sociais que continuam sendo barreiras difíceis de serem ultrapassadas, o negro de hoje não aceita a filosofia do dominador que impõe o silêncio através da coação e da sutil desracialização. Nesse cenário, as vozes se somam à indignação, e o negro do mundo pós-moderno encontra-se em condições de responder aos versos dos poetas: Vida de negro nunca foi fácil, mas poderia ter sido bem pior se os homens brancos tivessem conseguido roubar do negro o ideal de liberdade.

## Referências bibliográficas

ARAUJO, Emanuel. **Viva cultura, viva o povo brasileiro**. Museu Nacional: São Paulo, 2007.

CHALHOUB, Sidney. **Visões de liberdade**: Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 80. Disponível em: <<http://consciencianegra.arteblog.com.br/230866/Religiao-e-cultura-Negra/>> Acesso em 20/08/2011.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007, p. 122.

GLOTZ, Gustave. **A Cidade grega**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1988. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita e de Roberto Lacerda, p.212.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. **Um longo sonho do futuro**: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

MACEDO, Sérgio D. T. **Crônica do negro no Brasil**. Record: Rio de Janeiro, 1974, p. 74.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. Ática: São Paulo: 2008 p. 84.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 1987, p. 15.

VIDAL, Ademar. **Mundo livre**: Estudos sobre o Continente Americano e Outros Estudos. Editora: Rio de Janeiro, 1940, p.37.